

# A MATEMÁTICA EM CENA: O TEATRO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM UM CLUBE ESTUDANTIL.

Juliana Reis da Silva <sup>1</sup>  
Denise Nascimento Silveira <sup>2</sup>

## RESUMO

Esta comunicação científica apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, inserida na linha de Educação Matemática, que investiga as potencialidades da convergência entre a arte teatral e o saber matemático. O problema central da investigação busca compreender de que maneira os jogos teatrais podem mediar e potencializar a aprendizagem de conceitos relacionados à Educação Financeira. O estudo está sendo conduzido em uma escola pública estadual na cidade de Pelotas/RS, com alunos do Ensino Médio em Tempo Integral participantes de um clube estudantil de teatro como sujeitos da pesquisa. A fundamentação teórica articula pressupostos dos jogos teatrais com os princípios da Educação Financeira Escolar, propondo uma abordagem que transcenda o cálculo mecânico e alcance dimensões críticas e sociais do consumo, do planejamento financeiro e da tomada de decisões. Metodologicamente, a pesquisa assume caráter qualitativo e se configura como uma pesquisa-ação, na qual o pesquisador atua como interveniente e reflexivo sobre a prática pedagógica. As atividades propostas envolvem a criação coletiva de cenas e improvisações que simulam situações cotidianas de decisões financeiras, utilizando o corpo e a voz como ferramentas de expressão do raciocínio lógico-matemático. Atualmente, a pesquisa encontra-se na fase de construção dos instrumentos de coleta de dados e no delineamento das oficinas a serem aplicadas. Espera-se que os resultados evidenciem como o caráter lúdico, expressivo e coletivo do teatro pode contribuir para reduzir a aversão à matemática e promover uma alfabetização financeira mais significativa, contextualizada e crítica. A relevância deste estudo reside na proposição de metodologias interdisciplinares e alternativas para o ensino da matemática, valorizando o protagonismo juvenil e a inovação pedagógica no contexto da escola pública.

**Palavras-chave:** Educação Matemática, Teatro e Matemática, Educação Financeira, Clube de Teatro.

## INTRODUÇÃO

A Educação Matemática contemporânea encontra-se diante de um dilema estrutural: como superar a histórica aversão dos estudantes pelas ciências exatas e, simultaneamente, promover uma aprendizagem que transcenda a mecanização de algoritmos? A inserção da

<sup>1</sup> Mestranda do PPG em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [julianareis.matematica@gmail.com](mailto:julianareis.matematica@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Doutora, Universidade Federal de Pelotas - UFPel, [silveira\\_denise13@gmail.com](mailto:silveira_denise13@gmail.com);



Educação Financeira no currículo escolar brasileiro tem sido incentivada por documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que destaca a necessidade de desenvolver competências relacionadas ao pensamento crítico e à tomada de decisões responsáveis. Nesse contexto, torna-se fundamental que o ensino ultrapasse a dimensão técnica e contribua para a formação de sujeitos capazes de compreender e intervir em sua realidade econômica.

Contudo, no âmbito do Ensino Médio, etapa final da educação básica, essa inquietação ganha contornos de urgência. Muitas vezes reduzida à aplicação de fórmulas de forma isolada, observa-se que, em diversas instituições, a abordagem de conceitos de Educação Financeira ainda se apresenta de forma descontextualizada, não preparando plenamente o estudante para a complexidade das relações sociopolíticas do consumo contemporâneo.

Essa lacuna metodológica alinha-se ao que Freire (2005, p. 66) critica severamente em sua obra sobre o modelo transmissivo de ensino: "A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em 'vasilhas', em recipientes a serem 'enchidos' pelo educador".

É neste cenário de necessidade de ruptura e inovação pedagógica que se insere a presente comunicação científica, um recorte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento. O projeto investiga as potencialidades da convergência entre a arte teatral e o saber matemático, elegendo o lúdico e a expressividade corporal como eixos mediadores da aprendizagem.

O problema central desta investigação busca compreender: de que maneira os jogos teatrais podem mediar e potencializar a aprendizagem de conceitos de Educação Financeira? A investigação é conduzida no ensino público, mais especificamente em uma escola estadual na cidade de Pelotas/RS, tendo como sujeitos estudantes do Ensino Médio em Tempo Integral que participam de um clube de teatro.

A proposta justifica-se não apenas pela busca de metodologias ativas, mas pela premente necessidade de humanizar a Matemática. Para isso, a perspectiva adotada parte da realidade material imediata dos estudantes: a gestão das bolsas e auxílios que recebem, notadamente os programas "Todo Jovem na Escola" (do governo estadual do RS) e o "Pé-de-Meia" (do governo federal). Ao propor a articulação entre a arte dramática e a administração real destes recursos, intenciona-se um fazer pedagógico que supere a frieza da mera técnica operatória, alcançando dimensões críticas, sociais e éticas do planejamento de vida.



Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar de que maneira os jogos teatrais podem mediar e potencializar a aprendizagem de conceitos de Educação Financeira no Ensino Médio, à luz da Educação Matemática Crítica.

## **METODOLOGIA**

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação de natureza qualitativa. A pesquisadora abandona a postura de observadora distante e assume um papel participativo, dialogando continuamente com a prática pedagógica e com os sujeitos. A intervenção ocorre em uma escola pública estadual em Pelotas/RS. Participam da pesquisa aproximadamente 15 estudantes do Ensino Médio. Os participantes foram selecionados por adesão voluntária ao clube de teatro da instituição.

Atualmente, na fase de observação participante, a investigação acompanha de perto a rotina do grupo. Os encontros do clube são realizados no auditório da escola, um espaço que permite a livre expressão corporal, ocorrendo sistematicamente às segundas e sextas-feiras, durante o intervalo do almoço. O fato de os estudantes abdicarem do seu tempo livre evidencia um alto nível de engajamento orgânico. Ademais, estas sessões são supervisionadas por professores que se voluntariam para a atividade. Essa configuração cria uma atmosfera pedagógica horizontal e afetiva, essencial para o engajamento coletivo.

O desenho metodológico baseia-se na aplicação de oficinas que integram as dinâmicas de Viola Spolin a situações-problema associadas a conceitos de Educação Financeira. O diferencial destas práticas é a utilização das referidas bolsas estudantis como material gerador das cenas. Os estudantes serão desafiados a criar improvisações focadas em dilemas reais relacionados à sua realidade financeira.

As oficinas serão organizadas em encontros estruturados, nos quais serão propostos jogos teatrais baseados em situações do cotidiano financeiro dos estudantes, como decisões de consumo, planejamento de gastos e uso consciente de recursos. Cada atividade será composta por momentos de aquecimento, improvisação e reflexão coletiva, permitindo que os participantes expressem suas percepções e construam significados a partir das experiências vivenciadas.

Os instrumentos de coleta abrangerão a observação participante, registros em vídeo, narrativas dos participantes e diários de bordo. A análise dos dados será realizada por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), buscando identificar categorias temáticas



emergentes relacionadas à aprendizagem e à percepção dos estudantes acerca de como a materialização do problema financeiro no palco altera sua relação com a Matemática.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a intersecção proposta, a investigação articula referenciais da Educação Matemática Crítica com os pressupostos metodológicos da improvisação teatral, buscando um diálogo interdisciplinar que promova o desenvolvimento integral do educando.

O paradigma tradicional da disciplina foca frequentemente na técnica: o cálculo de juros compostos e amortizações. Contudo, sob a ótica crítica, os números não são neutros. Para Skovsmose (2001), no âmbito da Educação Matemática Crítica, a Matemática opera como uma linguagem de poder que formata a sociedade; portanto, o ensino deve promover a “matemacia”, empoderando os estudantes para ler e reescrever o mundo de forma reflexiva.

A Educação Financeira, no contexto escolar, não se limita ao ensino de conteúdos matemáticos, mas envolve a formação de atitudes e valores relacionados ao consumo consciente, ao planejamento e à responsabilidade social. Trata-se de uma prática educativa que articula conhecimentos, comportamentos e tomada de decisões, contribuindo para a autonomia dos estudantes.

Uma abordagem emancipatória deve, portanto, ir além da aritmética, fomentando a autonomia a partir da realidade do discente. Quando um estudante passa a ser titular de uma conta bancária para receber os repasses estatais, é inserido abruptamente na lógica do sistema bancário. O papel da escola não deve ser apenas o de ensinar a calcular porcentagens, mas questionar como esse recurso será gerido. A aprendizagem de conceitos de Educação Financeira passa pela compreensão de como utilizar as bolsas para o planejamento de um futuro acadêmico e para a resistência contra o consumismo impulsivo. Neste processo de reconstrução do saber, o protagonismo é fundamental, conforme aponta Demo (2002, p. 48-49.): "A mente humana não armazena propriamente dados e informações, mas os reprocessa, reconstrói, redimensiona, revelando sempre a atividade do sujeito capaz de interpretação própria."

Para romper com o caráter conteudista, a pesquisa recorre aos jogos teatrais, baseando-se primordialmente no sistema de Viola Spolin. A transposição de seu método para o campo da Matemática reside na concepção inclusiva de aprendizagem por meio da vivência direta:

Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. (...) Aprendemos através da experiência que ninguém ensina nada a



ninguém. (...) Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa. (SPOLIN, 2005, p. 3).

Spolin define que experienciar é penetrar no ambiente, o que significa um envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo. O nível intuitivo, habitualmente negligenciado no modelo clássico, torna-se essencial. Nesses jogos, a espontaneidade do estudante vai sendo desenvolvida, o que pode lhe causar certo medo e angústia no início, pois existe a desacomodação; ou seja, o estudante sai da posição de conforto onde se encontra, precisando novamente se acomodar. Piaget define esta acomodação como a “modificação dos movimentos e do ponto de vista próprios pelos movimentos e posições exteriores” (PIAGET, 1990, p. 348).

Spolin acrescenta que “o medo da espontaneidade é comum. Há segurança nos sentimentos e nas ações velhas e familiares. A espontaneidade pede que entremos num território desconhecido – nós mesmos!” (SPOLIN, 2004, p. 26). Esse é um fato a ser superado aos poucos, ao longo do período de intervenção.

O trabalho do jogo em teatro é construído basicamente a partir de brincadeiras infantis, com uma forte exigência quanto aos seus limites e regras, apesar do clima de alegria e descontração que provoca nas aulas. Barbosa e Carmona (2004) definem a essência desse estado colaborativo:

Cumplicidade, generosidade, amizade e prazer são a essência deste estado. É enfatizada a relação entre o aluno que no momento detém o foco da situação e o que ajuda a sustentar seus objetivos, para que acima de tudo prevaleça a troca desprendida e o entendimento de que o trabalho conjunto potencializa a situação cênica. (BARBOSA; CARMONA, 2004, p. 158).

Dialogando com esta concepção, o corpo e o lúdico assumem centralidade. A utilização do teatro como estratégia pedagógica possibilita a construção de conhecimentos de forma significativa, uma vez que envolve emoção, corporeidade e interação social. No ensino da Matemática, essa abordagem contribui para romper com a lógica tradicional, favorecendo a participação ativa dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento.

Quando o estudante desempenha um papel encenando um conflito familiar sobre a forma de gastar a bolsa, o conceito torna-se mais concreto. O erro, tradicionalmente punido com notas baixas, é ressignificado como matéria-prima da improvisação.

Dessa forma, a intersecção teórica entre a Educação Matemática Crítica de Skovsmose, a acomodação de Piaget e a improvisação de Spolin fornece os alicerces desta intervenção. Ao ressignificar o erro e convocar o corpo para o centro do processo cognitivo,



prepara-se o terreno para que a vivência de conceitos de Educação Financeira transcenda o papel impresso e ganhe materialidade nas ações e reflexões dos estudantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como o presente trabalho se encontra na fase inicial de observação participante e delineamento das oficinas, os resultados aqui apresentados possuem caráter diagnóstico. Contudo, as interações iniciais no clube de teatro já fornecem indícios significativos que dialogam com o referencial teórico adotado.

No momento da apresentação da proposta de intervenção, ao sugerir a inserção de conceitos de Educação Financeira no contexto do clube, observaram-se de imediato expressões de dúvida por parte dos estudantes. O questionamento latente sobre como seria possível colocar a Matemática em cena evidenciou a forte segregação que os participantes fazem entre as ciências exatas e a arte.

Esse dado indica a herança de um modelo educacional calcado na repetição e atua como um elemento comprobatório da urgência desta pesquisa. A reação dos estudantes sugere que a inserção dos jogos teatrais apresenta-se como uma ponte necessária para desconstruir essa visão engessada, promovendo o que Skovsmose (2001) define como um ensino que desmistifica a Matemática e a conecta à realidade sociopolítica.

Durante a fase de observação, constatou-se que os estudantes encontram-se imersos no ensaio de uma peça de forma autônoma. Foi possível identificar uma estrutura organizacional madura: há a figura de um diretor(a) e existe um processo democrático de escuta ativa e de definição de papéis.

Esse resultado sugere que os estudantes não são recipientes passivos (FREIRE, 2005), mas sujeitos ativos e dotados de profunda capacidade de auto-organização. Essa dinâmica corrobora os pressupostos de Spolin (2005) sobre a potência do grupo. Uma vez que os estudantes já dominam a colaboração e a vivência de papéis, indica-se que a transição para encenar dilemas envolvendo conceitos de Educação Financeira ocorrerá de forma orgânica, aproveitando a prontidão criativa já estabelecida no auditório.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, que é analisar de que maneira os jogos teatrais podem mediar e potencializar a aprendizagem de conceitos de Educação Financeira



no Ensino Médio, as observações preliminares evidenciam que o caráter coletivo do teatro atua como um elemento desestabilizador do modelo tradicional de ensino. Diante da histórica aversão às ciências exatas, a inserção da arte dramática no ambiente escolar tem se mostrado uma via promissora para ressignificar o espaço de aprendizagem, transformando a passividade em ação e o medo do erro matemático em matéria-prima para a criação cênica.

Ao ancorar os conceitos na realidade palpável dos auxílios estudantis, como os programas “Todo Jovem na Escola” e “Pé-de-Meia”, possibilita-se que o dinheiro recebido do governo deixe de ser apenas um valor numérico abstrato. Ele passa a ser compreendido em sua função social e estratégica para a permanência na escola e para o planejamento do futuro acadêmico do jovem. Essa contextualização permite que a Educação Financeira deixe de ser uma mera aplicação de fórmulas e atue diretamente na formação de sujeitos mais conscientes das suas escolhas econômicas frente aos apelos do consumismo.

Nesse sentido, valorizar o protagonismo juvenil por meio do lúdico transcende a mera inovação metodológica. Configura-se como um ato de resistência educacional e uma contribuição relevante para o campo da Educação Matemática e da Educação Financeira Escolar. O estudo demonstra que metodologias interdisciplinares são vitais para formar cidadãos críticos, capazes não apenas de reproduzir algoritmos, mas de interpretar, argumentar e intervir ativamente sobre suas próprias realidades financeiras.

Como pesquisa em andamento, as próximas etapas incluem a aplicação sistemática das oficinas baseadas nos jogos teatrais de Viola Spolin, seguidas pela coleta de dados e tratamento analítico. Espera-se que a continuidade deste trabalho aprofunde as categorias emergentes e valide as potencialidades identificadas nesta fase diagnóstica, consolidando a união entre Teatro e Matemática como uma ferramenta efetiva de emancipação juvenil na escola pública.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Zé Adão; CARMONA, Daniela. **Teatro: atuando, dirigindo e ensinando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

DEMO, Pedro. **Saber pensar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.



SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papyrus, 2001.

SPOLIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **Improvisação para o teatro**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

